



"DESVENTURADO HOMEM QUE SOU!"

A. W. Pink

No sétimo capítulo da carta aos Romanos, o apóstolo Paulo se referiu a dois assuntos: primeiramente, ele mostrou qual é a relação do crente para com a lei de Deus — judicialmente, o crente está emancipado da maldição e da penalidade da lei (vv. 1-6); moralmente, o crente está sob laços de obediência à lei (vv. 22, 25). Em segundo, Paulo nos protegeu da falsa inferência que poderia ser deduzida daquilo que ele havia ensinado no capítulo 6.

No capítulo 6, versículos 1 a 11, Paulo havia apresentado a união do crente com Cristo, retratando o crente como alguém “morto para o pecado” (vv. 2, 7, etc.). Em seguida, do versículo 11 em diante, ele mostrou o efeito que essa verdade deve ter sobre o viver do crente. No capítulo 7, o apóstolo Paulo seguiu a mesma ordem de pensamento. Em

Romanos 7.1-6, ele falou sobre a identificação do crente com Cristo, apresentando-o como “morto para a lei” (vv. 4 a 6). Em seguida, do versículo 7 em diante, Paulo descreveu as experiências do crente. Assim, nos capítulos 6 e 7 de Romanos, na primeira metade de ambos, Paulo aborda a posição do crente, enquanto na segunda metade de ambos os capítulos ele fala sobre o estado do crente, mas com a seguinte diferença: a segunda metade de Romanos 6 revela qual deve ser o nosso estado, enquanto a segunda metade do capítulo 7 (vv. 13-25) mostra qual é, na realidade, o nosso estado.

A presente controvérsia suscitada sobre Romanos 7 é amplamente um fruto do perfeccionismo de John Wesley e seus seguidores. O fato de que esses irmãos, dos quais temos motivo para reverenciar, adotaram



este erro de forma modificada apenas nos mostra quão abrangente em nossos dias é o espírito do laodiceísmo. A segunda metade de Romanos 7 descreve o conflito das duas naturezas que o crente possui; simplesmente apresenta em detalhes o que está sumariado em Gálatas 5.17. As afirmações de Romanos 7.14,15,18,19 e 21 são verdadeiras a respeito de todos os crentes que vivem nesse mundo. Todo crente fica aquém, muito aquém do padrão colocado diante dele; estamos nos referindo ao padrão de Deus, e não ao padrão dos ensinadores da suposta “vida vitoriosa”. Se qualquer leitor crente disser que Romanos 7 não descre-

ve a sua vida, afirmamos com toda a bondade que ele se encontra terrivelmente enganado. Não estamos dizendo que todo crente quebra a lei dos homens ou que ele é um ousado transgressor da lei de Deus. Estamos afirmando que a vida de todo crente está muito aquém do nível de vida que nosso Senhor vivenciou, quando esteve neste mundo. Estamos dizendo que muito da “carne” ainda se evidencia em todo crente, inclusive naqueles que se vangloriam, em voz alta, de suas conquistas espirituais. Estamos dizendo que todo crente tem necessidade urgente de orar suplicando perdão por seus pecados

diários (Lc 11.4), pois “todos tropeçamos em muitas coisas” (Tg 3.2). Nos próximos parágrafos, consideraremos os dois últimos versículos de Romanos 7, que dizem: “Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte? Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor. De maneira que eu, de mim mesmo, com a mente, sou escravo da lei de Deus, mas, segundo a carne, da lei do pecado” (vv. 24-25).

Essa é a linguagem de uma alma regenerada e resume o conteúdo dos versículos imediatamente anteriores. O homem incrédulo é realmente desventurado, mas ele não conhece a “desventurança”

que evoca a lamentação expressada nessa passagem. Todo o contexto se dedica a descrever o conflito entre as duas naturezas do filho de Deus. “Porque, no tocante ao homem interior, tenho prazer na lei de Deus” (v. 22) — isso é verdade apenas sobre a pessoa nascida de novo. Todavia, aquele que tem prazer na lei de Deus encontra, em seus “membros, outra lei”. Isso não pode estar limitado aos membros do corpo físico, mas tem de ser entendido como algo que inclui todas as várias partes de sua personalidade carnal — a memória, a imaginação, a vontade, o coração, etc.

— ■ —
*Quanto mais o crente
se acerca a Cristo,
tanto mais ele descobrirá
as corrupções de
sua velha natureza, e
tanto mais ardentemente
desejará ser liberto
de tal natureza.*
— ■ —



"DESVENTURADO HOMEM QUE SOU!"

23

Essa “outra lei”, disse o apóstolo, guerreava contra a lei de sua mente (a nova natureza); e não somente isso, ela também o fazia “prisioneiro da lei do pecado” (v. 23). Ele não definiu em que extensão se expressava essa servidão. Mas ele estava em servidão à lei do pecado, assim como todo crente também o está. A vagueação da mente, na hora de ler a Palavra de Deus, os maus pensamentos que brotam do coração (Mc 7.21), quando estamos envolvidos na oração, as más figuras que, às vezes, aparecem quando estamos em estado de sonolência — citando apenas alguns — são exemplos de havermos sido feitos prisioneiros “da lei do pecado”. “Se o princípio mau de nossa natureza prevalece, a ponto de despertar em nós apenas um pensamento mau, ele nos tomou como cativos. Visto que ele nos conquistou, estamos vencidos e feitos prisioneiros” (Robert Haldane).

O reconhecimento dessa guerra em seu íntimo e o fato de que se tornou cativo ao pecado levam o crente a exclamar: “Desventurado homem que sou!” Esse é um clamor produzido por uma profunda compreensão da habitação do pecado. É a confissão de alguém que reconhece não haver bem algum em seu homem natural. É o lamento melancólico de alguém que descobriu algo a respeito da horrível profundidade de iniquidade que existe em seu próprio coração. É o gemido de uma pessoa iluminada por Deus, uma pessoa que odeia a si mesma — ou seja, o homem natural — e anela por libertação.

Esse gemido — “Desventurado homem que sou!” — expressa a ex-

periência normal do crente; e qualquer crente que não geme dessa maneira está em um estado de anormalidade e falta de saúde espiritual. O homem que não profere diariamente esse clamor se encontra tão ausente da comunhão com Cristo, ou tão ignorante dos ensinamentos das Escrituras, ou tão enganado a respeito de sua condição atual, que não conhece as corrupções de seu coração e a desprezível imperfeição de sua própria vida.

Aquele que se curva diante do solene e perscrutador ensino da Palavra de Deus, aquele que nela aprende a terrível ruína que o pecado tem realizado na constituição do ser humano, aquele que percebe o padrão elevado que Deus nos tem proposto não falhará em descobrir que é um ser maligno e vil. Se ele se esforça para perceber o quanto tem falhado em alcançar o padrão de Deus; se, na luz do santuário divino, ele descobre quão pouco se parece com o Cristo de Deus, então, reconhecerá que essa linguagem de Romanos 7 é muito apropriada para descrever sua tristeza espiritual. Se Deus lhe revela a frieza de seu amor, o orgulho de seu coração, as vagueações de sua mente, o mal que contamina suas atitudes piedosas, o crente haverá de clamar: “Desventurado homem que sou!” Se o crente estiver consciente de sua ingratidão e de quão pouco ele tem apreciado as misericórdias diárias de Deus; se o crente percebe a ausência daquele fervor profundo e genuíno que tem de caracterizar seus louvores e sua adoração Àquele que é “glorificado em santidade” (Êx 15.11); se o cren-



te reconhece o espírito pecaminoso de rebeldia que, com frequência, o faz murmurar ou irrita-o contra as realizações dEle em sua vida cotidiana; se o crente admite que está ciente não apenas de seus pecados de comissão, mas também daqueles de omissão, dos quais ele é culpado todos os dias, ele realmente clamará: “Desventurado homem que sou!”

Esse clamor não será proferido apenas por aquele crente que se acha afastado do Senhor. Aquele que está em comunhão verdadeira com o Senhor Jesus também emitirá esse gemido, todos os dias e todas as horas. Sim, quanto mais o crente se acerca a Cristo, tanto mais ele

descobrirá as corrupções de sua velha natureza, e tanto mais ardentemente desejará ser liberto de tal natureza. É somente quando a luz do sol inunda um cômodo que a poeira e a sujeira são completamente revelados. Quando estamos realmente na presença dAquele que é luz, ficamos conscientes da impureza e impiedade que habita em nós e contamina cada parte de nosso ser. E essa descoberta nos levará a clamar: “Desventurado homem que sou!”

“Mas”, talvez alguns perguntem, “a comunhão com Cristo não produz regozijo, ao invés de gemidos?” Respondemos que a comunhão com

Cristo produz ambas as coisas. Isso aconteceu com Paulo. Em Romanos 7.22, ele afirmou: “Tenho prazer na lei de Deus”. Logo em seguida, porém, ele clamou: “Desventurado homem que sou!” Outras passagens também nos mostram isso. Em 2 Coríntios 6, Paulo disse: “Entristecidos, mas sempre alegres” (v. 10) — entristecido por causa de suas falhas, por causa de seus pecados diários; alegre por causa da graça que

ainda permanecia com ele e por causa da bendita provisão que Deus fizera até para os pecados de seus santos. Também em Romanos 8, depois de haver declarado: “Agora, pois, já nenhuma condenação há

— ■ —
*Onde não existe o clamor:
 “Desventurado homem
 que sou!”, deve haver
 um grande temor de que
 ali não existe, de maneira
 alguma, comunhão
 com Cristo.*
 — ■ —

para os que estão em Cristo Jesus” (v. 1); “O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. Ora, se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo; se com ele sofremos, também com ele seremos glorificados” (vv. 16-17), o apóstolo Paulo acrescentou: “Também nós, que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo” (v. 23). O ensino do apóstolo Pedro é semelhante ao de Paulo — “Nisso exultais, embora, no presente, por breve tempo, se neces-



"DESVENTURADO HOMEM QUE SOU!"

25

sário, sejais contristados por várias provações” (1 Pe 1.6). Tristeza e gemido não se encontram ausentes no mais elevado nível de espiritualidade.

Nestes dias de complacência e orgulho laodicense, existe considerável palavra e muita exaltação a respeito da comunhão com Cristo; porém, quão pouca manifestação dessa comunhão nós contemplamos! Onde não existe qualquer senso de completa indignidade; onde não existe qualquer lamentação pela depravação total de nossa natureza; onde não existe qualquer entristecimento por nossa falta de conformidade com Cristo; onde não existe qualquer gemido por havermos sido feitos “prisioneiros” do pecado; em resumo, onde não existe o clamor: “Desventurado homem que sou!”, deve haver um grande temor de que ali não existe, de maneira alguma, comunhão com Cristo.

Quando estava andando com o Senhor, Abraão exclamou: “Eis que me atrevo a falar ao Senhor, eu que sou pó e cinza” (Gn 18.27). Estando face a face com Deus, Jó declarou: “Por isso, me abomino” (Jó 42.6). Ao entrar na presença de Deus, Isaías clamou: “Ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros” (Is 6.5). Quando teve aquela maravilhosa visão de Cristo, Daniel confessou: “Não restou força em mim; o meu rosto mudou de cor e se desfigurou, e não retive força alguma” (Dn 10.8). Em uma das últimas epístolas do apóstolo dos gentios, lemos: “Fiel é a palavra e digna de toda aceitação: Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o

principal” (1 Tm 1.15). Essas declarações não procederam de pessoas não-regeneradas, e sim dos lábios de santos de Deus. Elas não foram confissões de crentes relaxados; pelo contrário, elas foram proferidas pelos mais eminentes membros do povo de Deus. Em nossos dias, onde encontramos crentes que podem ser colocados lado a lado com Abraão, Jó, Isaías, Daniel e Paulo? Onde, realmente?! Mas eles foram homens que estavam conscientes de sua vileza e indignidade!

“Desventurado homem que sou!”

Essa é a linguagem de uma alma nascida de novo; é a confissão de um crente normal (não-iludido, não-enganado). A essência dessa afirmativa pode ser encontrada não somente nas declarações dos santos do Antigo e do Novo Testamento, mas também nos escritos de muitos dos eminentes servos de Cristo que viveram nos últimos séculos. As afirmações e o testemunho pronunciado pelos eminentes santos do passado eram muito diferentes da ignorância e da arrogante jactância dos laodicenses modernos! É um refrigério volvernos das biografias de nossos dias para aquelas biografias escritas há muito tempo. Medite nos trechos de biografias que apresentamos em seguida.

Bradford, que foi martirizado no reinado de Maria, a sanguinária, em uma carta dirigida a um amigo que estava em outra prisão, subscreveu-se com as seguintes palavras: “O pecaminoso John Bradford, um hipócrita notável, o pecador mais miserável, de coração endurecido e ingrato — John Bradford” (1555).



O piedoso Samuel Rutherford escreveu: “Este corpo de pecado e de corrupção torna amargo e envenena nosso regozijo. Oh! Se eu estivesse onde nunca mais pecarei!” (1650).

O bispo Berkeley disse: “Não posso orar, mas cometo pecados. Não posso pregar, mas cometo pecados. Não posso ministrar, nem receber a Ceia do Senhor, mas cometo pecados. Preciso arrependimento; e as lágrimas que derramei necessitam da lavagem do sangue de Cristo” (1670).

Jonathan Edwards, em sua obra *A Vida de David Brainerd*¹ (o primeiro missionário entre os índios, cuja devoção a Cristo foi testemunhada por todos os que o conheciam), afirmou a respeito de Brainerd: “Sua iluminação, suas afeições e seu conforto espiritual parecem ter sido, em grande medida, acompanhadas por humildade evangélica; consistiam em um senso de sua completa insuficiência, de sua vileza e de sua própria abominação; com uma disposição correspondente e uma propensão do coração. Quão profundamente Brainerd foi afetado quase continuamente por seus grandes defeitos na vida cristã; por sua ampla distância daquela espiritualidade e daquela disposição mental que convém a um filho de Deus; por sua ignorância, seu orgulho, sua apatia e sua esterilidade! Ele não foi somente afetado pela recordação dos pecados cometidos antes de sua conversão, mas também pelo sentimento de sua presente vileza e corrupção. Brainerd não se mostrava apenas dis-

posto a considerar os outros crentes melhores do que ele mesmo e a olhar para si mesmo como o pior e o menor de todos os crentes, mas também, com muita frequência, a ver a si mesmo como o mais vil e o pior de todos os homens”.

O próprio Jonathan Edwards, que entre muitos foi mais honrado por Deus (quer em suas realizações espirituais, quer na extensão em que Deus o usou para abençoar outros), escreveu nos últimos dias de sua vida: “Quando olho para meu coração e vejo a sua impiedade, ele parece um abismo infinitamente mais profundo do que o inferno. E parece-me que, se não fosse a graça de Deus, exaltada e elevada à infinita sublimidade de toda a plenitude e glória do grande Jeová, eu deveria comparecer, mergulhado em meus pecados, nas profundezas do próprio inferno, muito distante da contemplação de todas as coisas, exceto do olhar da graça soberana, que pode destruir tal profundidade. É comovente pensar o quanto eu ignorava, quando era um crente novo (infelizmente, muitos crentes velhos ainda o ignoram — A. W. Pink), a profunda impiedade, orgulho, hipocrisia e engano deixados em meu coração” (1743).

Augustus Toplady, autor do hino “Rocha Eterna”, escreveu as seguintes palavras em seu diário no dia 31 de dezembro de 1767: “Ao fazer uma retrospectiva deste ano, desejo confessar que minha infidelidade tem sido excessivamente grande, e meus pecados, ainda maiores. Todavia, as misericórdias de Deus têm sido maiores do que ambos”. E mais: “Minhas falhas, meus pecados, minha incre-



"DESVENTURADO HOMEM QUE SOU!"

27

dulidade e minha falta de amor me afundariam no mais profundo do inferno, se Jesus não fosse minha justiça e meu Redentor”.

Observem estas palavras de uma piedosa mulher, a esposa do eminente missionário Adoniran Judson: “Oh! Como eu me regozijo porque estou fora do redemoinho! Sou gaiata e fútil demais, para ser a esposa de um missionário! Talvez a gaiatice seja o meu mais leve pecado. Não são os atrativos do mundo que me tornam um simples bebê na causa de Cristo; pelo contrário, é a minha frieza de coração, a minha insignificância, a minha falta de fé, a minha ineficiência e inércia espiritual, por amor do meu próprio ‘eu’, e a minha pecaminosidade abundante e inerente de minha natureza”.

John Newton, o escritor do bendito hino “Graça Admirável” (que afirma: “Graça admirável, quão doce é o som que salvou um ímpio como eu; estava perdido, mas fui achado; era cego, agora vejo”), quando se referia às expectativas que ele nutria no final de sua vida cristã, escreveu o seguinte: “Infelizmente, essas minhas preciosas expectativas se tornaram como sonhos dos mares do Sul. Vivi neste mundo como um pecador e creio que assim morrerei. Eu ganhei alguma coisa? Sim, ganhei aquilo com o que antes eu preferia não viver! Essas provas acumuladas do engano e da terrível impiedade do meu coração me ensinaram, pela bênção do Senhor, a compreender o que significa dizer: vejam, eu sou um homem vil... Eu me envergonhava de mim mesmo, quando comecei a procurar a bênção do Senhor; ago-

ra, eu me envergonho mais ainda”.

James Ingliss (editor de “Marcos no Deserto”), no final de sua vida, escreveu: “Visto que fui trazido a uma nova opinião sobre o fim, a minha vida parece ser constituída de tantas oportunidades desperdiçadas e de tanta escassez de resultados, que às vezes isso é muito doloroso. A graça, porém, se apresenta para satisfazer todas essas deficiências; e o Senhor Jesus também será glorificado em minha humilhação” (1872). J. H. Brookers, o biógrafo de James Ingliss, observou sobre essas palavras: “Quão semelhante a Cristo e quão diferente daqueles que estão se gloriando em suas supostas realizações!”

Apresentamos mais uma citação, proveniente de um sermão de Charles H. Spurgeon. O Príncipe dos Pregadores disse: “Existem alguns crentes professos que falam sobre si mesmos em termos de admiração. Todavia, em meu íntimo, detesto mais e mais esses discursos, a cada dia que eu vivo. Aqueles que falam dessa maneira arrogante devem possuir uma natureza muito diferente da minha. Enquanto eles estão congratulando a si mesmos, tenho de me prostrar aos pés da cruz de Cristo e admirar-me de que estou salvo, pois sei que fui salvo. Tenho de admirar-me de não crer mais profundamente em Cristo e de que sou privilegiado por crer nEle. Tenho de admirar-me de não amá-Lo mais profundamente, mas igualmente devo admirar-me até de que O amo de alguma maneira. Devo admirar-me de não possuir mais santidade e admirar-me, igualmente, de que eu tenho



algum desejo de ser santo, levando em conta quão corrompida, degenerada e depravada natureza eu ainda encontro em minha alma, apesar de tudo o que a graça de Deus tem feito em mim. Se Deus permitisse que as fontes do grande abismo da depravação se rompessem nos melhores homens que vivem neste mundo, eles se tornariam demônios tão maus como o próprio diabo. Não me importo com o que dizem esses vangloriosos a respeito de suas próprias perfeições. Estou certo de que eles não conhecem a si mesmos; se conhecessem, não falaria como freqüentemente o fazem. Mesmo no crente que está mais próximo do céu existe combustível suficiente para acender outro inferno, se Deus tão somente permitisse que uma chama caísse sobre ele. Alguns crentes parecem que nunca descobrem isto. Eu quase desejo que eles nunca o descubram, pois esta é uma descoberta dolorosa para qualquer um fazer; mas ela tem o efeito benéfico de fazer que paremos de confiar em nós mesmos e de nos levar a nos gloriarmos somente no Senhor”.

Poderíamos apresentar outros testemunhos dos lábios e dos escritos de homens igualmente piedosos e eminentes, porém citamos o suficiente para mostrar que os santos de todas as épocas tinham motivo para fazerem suas essas palavras do apóstolo Paulo: “Desventurado homem que sou!” Faremos mais algumas poucas observações sobre essas palavras finais de Romanos 7.

“Quem me livrará do corpo desta morte?” “Quem me livrará?” Esta não é uma linguagem de desespero,

e sim de um desejo ardente de ajuda de fora e do alto. Aquilo do que o apóstolo desejava ser livre é chamada de “o corpo desta morte”. Esta é uma expressão figurada, pois a natureza carnal é chamada de “o corpo do pecado” e vista como algo que tem “membros” (Rm 7.23). Portanto, entendemos que as palavras do apóstolo significam: “Quem me livrará desse fardo mortal e pernicioso — meu eu pecaminoso?!”

No versículo seguinte, o apóstolo responde essa pergunta: “Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor” (Rm 7.25). Deve ser óbvio para qualquer mente imparcial que isso aponta para o futuro. Paulo havia perguntado: “Quem me livrará?” A sua resposta foi: Jesus Cristo me livrará. Isso expõe o erro daqueles que ensinam uma libertação presente da natureza carnal, por intermédio do poder do Espírito Santo. Em sua resposta, o apóstolo não falou nada sobre o Espírito Santo; ao invés disso, ele mencionou apenas “Jesus Cristo, nosso Senhor”. Não é por meio da obra presente do Espírito Santo em nós que os crentes serão libertados “do corpo desta morte”, e sim por meio da vinda futura do Senhor Jesus Cristo para nós. Naquele tempo, esse corpo mortal será revestido de imortalidade, e a nossa corrupção, de incorrupção.

Como se estivesse pensando em remover toda dúvida a respeito de que essa libertação ocorrerá no futuro, o apóstolo concluiu dizendo: “De maneira que eu, de mim mesmo, com a mente, sou escravo da lei de Deus, mas, segundo a carne, da lei do pecado”. O leitor deve observar



cuidadosamente que Paulo havia agradecido a Deus pelo fato de que ele seria libertado. A última parte do versículo 25 resume o que ele havia dito na segunda parte de Romanos 7; descreve a vida dupla do crente. A nova natureza serve a lei de Deus; a velha natureza, até ao final da História, servirá à "lei do pecado". Que isso aconteceu com o apóstolo Paulo é evidente das palavras que ele escreveu no final de sua vida, quando chamou a si mesmo de "o principal" dos pecadores (1 Tm 1.15). Essa afirmativa não era um exagero de fervor evangélico, nem mesmo um motejo de modesta hipocrisia. Era uma convicção segura, uma experiência vivenciada, uma conscientização firme de alguém que viu com amplitude as profundezas da corrupção que havia em seu próprio íntimo e que sabia

o quanto ficava aquém de atingir o padrão de santidade que Deus havia colocado diante dele. Essa também é a convicção e a confissão de todo crente que não se encontra cativo ao preconceito. E o

resultado dessa convicção fará o crente desejar mais intensamente o livramento e agradecer a Deus com mais fervor pela promessa do livramento, na vinda de nosso Senhor, "o qual transformará o nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo

da sua glória, segundo a eficácia do poder que ele tem de até subordinar a si todas as coisas" (Fp 3.20). E, havendo feito isso, o Senhor Jesus nos apresentará, "com exultação, imaculados diante da sua glória" (Jd 24). Aleluia! Que grande Salvador!

É admirável que somente mais uma vez a palavra "desventurado" é utilizada no Novo Testamento (no texto grego). Essa outra ocorrência está em Apocalipse 3.17, onde Cristo disse à igreja de Laodiceia: "Nem sabes que tu és INFELIZ". A arrogância dos membros dessa igreja era que eles não precisavam "de coisa alguma". Eles estavam tão inchados com a soberba, tão satisfeitos com o que haviam atingido, que não tinham consciência de sua própria miséria. E não é isso mesmo que testemunhamos em nossos dias? Não é evidente

que estamos vivendo no período laodiceiano da história da Igreja? Muitos estavam cômicos da "necessidade", mas agora imaginam que receberam a "segunda bênção", ou que

obtiveram o "batismo do Espírito Santo", ou que entraram na "vitória". E, imaginando isso, pensam que sua necessidade foi satisfeita. E a prova disso é que eles vivem em uma atmosfera de tal superioridade espiritual, que nos dirão haverem saí-

Mesmo no crente que está mais próximo do céu existe combustível suficiente para acender outro inferno, se Deus tão-somente permitir-se que uma chama caísse sobre ele.



do de Romanos 7 e entrada na experiência de Romanos 8. Com desprezível complacência, eles nos dirão que Romanos 7 não descreve mais a experiência deles. Com presunçosa satisfação, eles olharão com piedade para o crente que clama: “Desventurado homem que sou!” e como o fariseu, no templo, agradecerão a Deus porque a situação deles é diferente. Pobres almas cegas! É exatamente o que o Filho de Deus afirma nessa passagem de Apocalipse: “Nem sabes que tu és INFELIZ”. Nós dissemos: “Almas cegas”, porque observamos que é para os crentes laodicenses que Jesus declara: “Aconselho-te que de mim compres... colírio para ungires os olhos, a fim de que vejas” (Ap 3.19).

Devemos observar que na segunda parte de Romanos 7 o apóstolo Paulo fala no singular. Isso é admirável e bastante abençoador. O Espírito Santo desejava transmitir-nos a verdade de que mesmo as mais elevadas realizações na graça não isentam o crente da dolorosa experiência ali descrita. Com o pincel de um artista, o apóstolo retratou — utilizando a si mesmo como o objeto

da pintura — a luta espiritual do filho de Deus. Ele ilustrou, por referir-se à sua própria experiência, o conflito incessante que se realiza entre duas naturezas antagonistas naquele que nasceu de novo.

Que, em sua misericórdia, Deus nos liberte do espírito de orgulho que agora corrompe o ambiente do evangelicalismo moderno e nos conceda um humilde ponto de vista a respeito de nossa própria impureza; fazendo-o de tal modo que nos unamos ao apóstolo Paulo em clamar com um fervor cada vez mais profundo: “Desventurado homem que sou!” Sim, que Deus outorgue tanto ao autor dessas linhas quanto ao seu leitor uma tão grande percepção de sua própria depravação e indignidade, que eles realmente se prostrem no pó, diante de Deus, e O adorem por sua maravilhosa graça para com esses pecadores que merecem o inferno.

¹ *A Vida de David Brainerd*, Jonathan Edwards, Editora Fiel, 1993, 240 págs.

A mente do homem é como um depósito de idolatria e superstição; de modo que, se o homem confiar em sua própria mente, é certo que ele abandonará a Deus e inventará um ídolo, segundo sua própria razão.

João Calvino

Uma gota de graça vale mais do que um mar de dons.

William Jenkyn